

Moeda Nacional: a dança das denominações

Célio Debes

Durante largo período, a moeda em circulação no Brasil, obedecendo ao modelo português a que estivemos jungidos desde nossas origens, discrepou do sistema monetário em vigor da maioria dos países.

O *mil réis*, como unidade monetária, continha em si um anacronismo. De fato, transformava em singular um múltiplo de mil. Um comentarista mordaz ridicularizava a situação, na década de 1920, afirmando que “o Brasil nada tem que se aproxime de unidade monetária. Quando a gente diz: o mil réis, já começa por estropiar a gramática, porque o artigo fica no singular e o nome foi para o

plural”. (*Diário do Congresso Nacional*, 10 de dezembro de 1926, p. 6092).

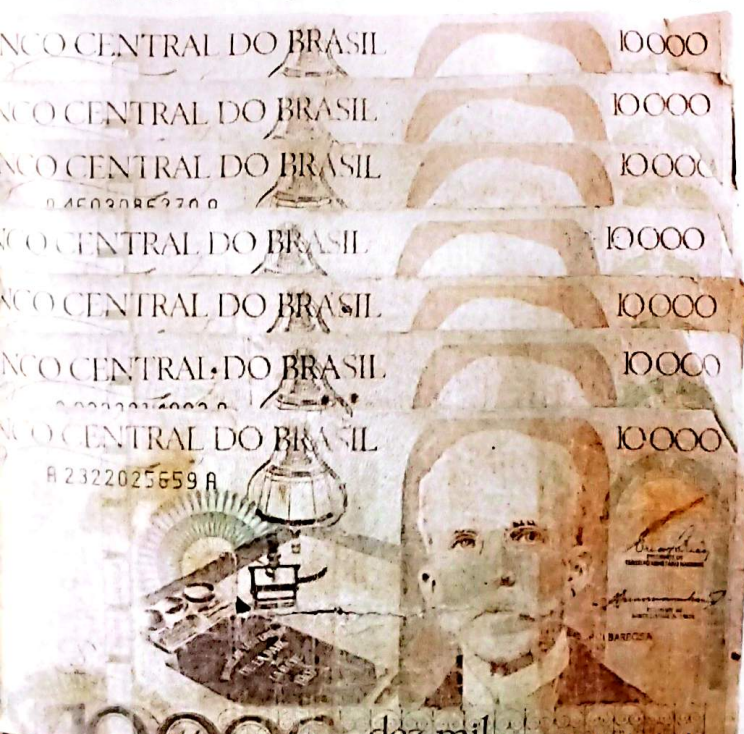
Essa anomalia se explica. Na realidade, o padrão monetário lusitano por nós herdado fora o *real*. Com suas desvalorizações sucessivas, através dos tempos, seu poder aquisitivo foi decaindo até chegar ao patamar em que sua denominação ganhou a expressão pecuniária *sui generis*.

Sua manutenção no Brasil tornou nosso padrão monetário, por quase um século, único no mundo, “sem correspondente em nenhum sistema monetário, nem mesmo no sistema português, depois da reforma de 1854”. (*Congresso Nacional, Anais do Senado*, 1891, v. II, p. 274).

Essa circunstância criava dificuldades às transações internacionais que o País mantinha. Gerava, inclusive, desprezo por nossa moeda, no exterior, pela excentricidade de que sua denominação se ressentia.

Diante disso, logo no início da atividade legislativa do Congresso Nacional, no período republicano, cogitou-se da “reforma monetária”.

O senador Amaro Cavalcanti ofereceu, na 1ª sessão da 1ª Legislatura, projeto de lei cuidando da adoção, quanto possível, do “sistema monetário francês”, mas mantendo o *real* como unidade básica do sistema monetário brasileiro.



Tomando o ouro como padrão, o projeto, por ele mesmo modificado, previa, para designar nosso dinheiro: (1) em ouro — *libra brasileira* = a 10 mil réis, *meia libra* = a 5 mil réis e *dobla* = a 20 mil réis; (2) moedas auxiliares, em prata, sem designação própria, valendo dois mil, mil e 500 réis; (3) moedas divisionárias ou de troco, cunhadas em dois tipos de liga metálica — (a) em níquel-cobre, nos valores faciais de 200 e de 100 réis; e (b) em bronze, isto é, cobre-estanho-zinco, valendo 40 e 20 réis.

As denominações de que cogitava o projeto, na realidade, não eram simpáticas. Daí a sensibilidade de outro parlamentar, Eliseo Martins, sugerir uma alteração, sem, contudo, interferir nos demais aspectos da proposição. Em lugar de *libra brasileira*, indicava *cruzeiro* e, no de *dobla*, *duplo cruzeiro*. Convenhamos que afora o pioneirismo, ao que parece, da lembrança da utilização de *cruzeiro*, a emenda não melhora em muito a esquisitice da nomenclatura contida no projeto. *Duplo cruzeiro* não soava bem...

A tentativa de Amaro Cavalcanti, no entanto, não surtiu efeito. E, assim, o *mil réis*, com todas as restrições e inconvenientes, permaneceu presidindo o meio circulante nacional como sua *unidade-plural*, até que, em dezembro de 1926, tentou-se substituí-lo, mas não de pronto.

Com a reforma do sistema monetário idealizado por Washington Luís, introduzida logo no início de sua gestão na Presidência da República, ressurgiu a idéia de modificação do padrão monetário, adotando-se a base ouro, com o nome de *cruzeiro*, subdividido em centésimos. Com a eliminação do *mil réis*, adotava-se divisão racional dos submúltiplos da moeda.

A implantação do *cruzeiro* dependia da *estabilização do câmbio* e, na seqüência do plano financeiro, da *convertibilidade do papel-moeda* em ouro. A superação dessas etapas demandava tempo. E o tempo, em seu desenrolar, encerra armadilhas e surpresas nem sempre previsíveis. A queda da Bolsa de Nova York, em 1929, teve efeito desastroso, conhecidíssimo. Impediu a concretização do plano, facultando a sobrevivência do *mil réis* por mais um longo período.

Em 1930 sobreveio a revolução, a qual, abolindo a Constituição de 1891, implantou a ditadura e o chamado Governo Provisório, que nada inovou nesse campo.

Reconstitucionalizado o País, na fase legislativa do Congresso Nacional, o deputado Mário de Andrade Ramos (*Finanças brasileiras*, p. 59) apresentou na Câmara projeto de “Lei Monetária”, “estabelecendo o *cruzeiro* como unidade” a ser cunhada em “ouro fino”.

A providência não se concretizou, garantindo a prevalência do *mil réis* por mais tempo.

Só em 1942, em pleno Estado Novo, é que se operou a extinção do *mil réis*. Criou-se, então, o *cruzeiro*, equivalendo 1 cruzeiro a 1 mil réis. A única vantagem dessa metamorfose foi a adoção, para os submúltiplos, da divisão em centésimos.

A propósito da implantação do critério prevalente em 1942, predissera o deputado Bocayuva Cunha (*Diário do Congresso Nacional*, 10 de dezembro de 1926, p. 6093), quando da discussão da reforma de 1926, que semelhante providência, embora de utilidade, “não passaria, no fundo, de uma simples troca de nomes — onde se dissesse *mil réis*, dir-se-ia *cruzeiro* e nada mais...”

As agruras e o desprestígio do *cruzeiro*, isto é, da moeda nacional, até os dias que correm — com sua sistemática desvalorização, sendo dividido por mil e fantasiado com designações sem significado maior (*cruzeiro novo*, *cruzado*, *cruzado novo*, e novamente *cruzeiro*) até sua transmutação em *real*, quando seu índice de aviltamento subiu, de 1.000 para 2.750, sina de que não logra safar-se — são histórias recentes que permanecem na memória geral.

Triste memória...

Célio Debes
Advogado e Escritor

Mundinho do Buchão

Vladnei Ferreira de Lima

Raimundo Sampaio Ferreira era o seu nome há 23 anos, mas era conhecido como Mundinho do Buchão. O nome era homenagem ao avô, o velho Raimundo Nonato de Todos os Santos, natural de Olho D'Água, divisa da Paraíba; o apelido devia ser creditado a todas as lombrigas que lhe habitavam as tripas na meninice do Pajeu.

Naquela noite não conseguiu dormir nem com as talagadas do mata-bicho que escondia cuidadosamente embaixo do catre de colchão magro que lhe servia de cama no alojamento. O seca-poço ainda era o mesmo que lhe acompanhava há cinco anos, enquanto perambulava e virava massa, de obra em obra, nesta terra da garoa.

Às quatro da manhã levantou-se e fez o café. A ansiedade lhe permitiu mais uma talagada que espantou de vez o sono. Desperto, passou os olhos pelos muitos pacotes e caixas que se amontoavam no canto. Conferiu mentalmente um a um e, isso feito, apertou com carinho e força, quase como um troféu, o pequeno pedaço de papel que lhe permitiria finalmente o reencontro, tão querido quanto adiado, com sua história e sua gente. A passagem do Itapemirim para Serra Talhada, que lhe custara tantas horas extras, quase lhe queimava as mãos.

Para o pai, um chapéu de couro semi-novo, direto da Feira da Concórdia; a mãe ficaria bonita naquele vestido vermelho comprado no saldão do Mappin. Para cada um dos sete irmãos um presente, segundo seu gosto e conveniência.

Banhou-se, penteou-se, vestiu-se: camiseta vermelha sem mangas, calças jeans de domingo e tênis branco sem meias. Guardou carinhosamente o toca-fitas. Óculos escuros e boné do Corinthians na cabeça, dirigiu-se à padaria para despedir do Severino. Dele recebeu o abraço e um embornal de pão e frango assado. Prometeu que entregaria a carta em Arapiraca, quando passasse pelas Alagoas. Sorriu de si para si e aprovou, satisfeito, o dente de ouro refletido no espelho da máquina de caldo de cana.

De volta ao alojamento, guardou, em uma pequena sacola, o tesouro mais querido: meia dúzia de álbuns de fotografia que mostravam seus vários momentos com Edvanda, morena fogaosa que conheceu no Bailão do Pedro Sertanejo.

“Com ela eu fui feliz
com ela vivi paixão
com ela fiz o que quis
com ela dancei baião”.

Mundinho/97

A quadrinha estava no verso da foto mais bonita de Edvanda, ganha no dia em que soube da gravidez. Tendo lhe botado semente, mandou que fosse na frente, aos cuidados de Nezinho, seu irmão e confidente. Não fosse ele a cuidar, melhor que fosse parente: haveriam todos de ajudá-la na rebentação. Um arrepio lhe percorreu o corpo quando pensou nela prenha e roliça, nesses três meses de saudade.

Dominou a emoção e chamou o táxi — era a primeira vez que entrava em um. Rumou para o Glicério com duas horas de antecedência. Em meio a todas as etnias nordestinas, começou a sentir-se em casa. Caprichou no visual e no sotaque: antegozava a surpresa de quantos o vissem assim tão moderno e produzido. Não se aborreceu quando anunciaram que seu ônibus sairia com quatro horas de atraso. Renovou o tempo no guarda-volumes — não é pra isso que servem os atrasos? — e dirigiu-se, sem pressa, ao boteco em frente à rodoviária.

De passagem, no salão mal iluminado, não a tinha percebido. Na primeira cerveja sentiu-lhe o cheiro; no segundo conhaque botou-lhe as vistas; no terceiro rabo-de-galo despejou-lhe conversa e na quarta cachaça, sem avaliar naipe ou intenção, apalpou-lhe as partes. E mais não fez: foi violentamente arrastado para os fundos do boteco e, enquanto um lhe tirava a carteira, o outro lhe enfiava a faca. Assim, Mundinho do Buchão foi picotado várias vezes.

Às 17h45 o Itapemirim para Serra Talhada partiu com um passageiro a menos. Enquanto dobrava à esquerda, ainda se ouvia a sirene da camioneta do IML. Em meio ao sangue sertanejo boiavam várias fotografias. Em um pedaço amassado de papel de pão lia-se o nome do rebento que jamais chegaria a conhecer: Old Eight de Todos os Santos Sampaio Ferreira.

Vladnei Ferreira de Lima

Médico, 1º lugar no Concurso de Contos da APM/2006

Manchas de Urucum

Roberto G. Baruzzi

Parque para avaliar as condições de saúde da população.

A avaliação foi realizada em julho do mesmo ano e diante das precárias condições de saúde, com elevada mortalidade, principalmente por malária, foi firmado um acordo pelo qual a EPM se comprometia a colaborar na atenção à saúde dos povos indígenas do Parque. O acordo foi assinado por Orlando, como diretor do Parque, e pelo professor Walter Leser, diretor do Departamento de Medicina Preventiva da EPM. Ficou, então, acertado o envio periódico e em situações epidêmicas de equipes médicas para o atendimento da população, a implantação de um programa de vacinação e assegurado o acesso ao Hospital São Paulo/EPM como hospital de retaguarda, altamente viável com o apoio da FAB que mantinha um voo semanal de São Paulo ao Xingu.

Graças ao empenho do Orlando e do Cláudio Villas Bôas, as equipes de saúde foram sempre muito bem recebidas pelos índios, estabelecendo-se um franco relacionamento, inclusive com os pajés. O programa de saúde, iniciativa do Orlando, se estende até o presente, sem interrupção, mediante seguidos convênios com a FUNAI e, a partir de 1999, com a FU-

NASA/Ministério da Saúde.

Meu primeiro encontro com Orlando Villas Bôas se reporta ao início de 1965, quando ele veio ao Hospital São Paulo/Escola Paulista de Medicina (EPM) acompanhando um trabalhador do Parque Indígena do Xingu que necessitava de atendimento médico. Desse encontro nasceu um convite do Orlando para que um grupo médico da EPM, do qual participei, fosse ao

Para nós da Escola Paulista de Medicina, atual Universidade Federal de São Paulo, permanece a lembrança da presença sempre afável e amiga do Orlando. Das muitas noites no Xingu quando, após a jornada de trabalho, tínhamos a oportunidade de ouvi-lo contar seus *casos* do tempo da expedição Roncador-Xingu, do convívio



com sertanejos — gente simples do sertão, como ele se referia; dos primeiros encontros com os diferentes povos indígenas do Parque e com os grandes chefes indígenas daqueles tempos. Eram histórias que voltávamos a ouvir em repetidas idas ao Parque, com novas nuances, mas sempre com o mesmo encanto. Estava na melhor tradição de Cornélio Pires e dos grandes contadores de *causos* do Brasil. Era o prenúncio do escritor, com seu irmão Cláudio Villas Bôas, de cerca de doze livros, para adultos e crianças, trazendo para os leitores histórias dos índios, seus mitos e lendas, relatos de aventuras pelos rios, campos e florestas do Brasil Central, enriquecendo a literatura nacional.

Em meados dos anos 1970, Orlando e Cláudio deixaram o Parque após três décadas de muito trabalho e aventuras, e após terem implantado com sucesso uma política voltada para a preservação física e cultural dos povos indígenas, reconhecida nacional e internacionalmente. Tempos depois, o Orlando assim se expressa na dedicatória de um livro*:

“Cá está rico de cores e vida, o Xingu que você conheceu. Nesse mundo de arte e magia, oh! Quem há de não se envolver...”

Foram tantos os anos vividos, nesse mundo de imensa igualdade, que confesso, meu caro Baruzzi, tenho o peito a explodir de saudade”.

Os sentimentos dos índios, por sua vez, ficaram bem evidentes na forma amigável e entusiástica com que receberam o Orlando quando de seu retorno ao Parque, em 1998, no Kuarup em homenagem ao Cláudio, que havia falecido no início daquele ano. O Kuarup, na aldeia dos Kamayurá, junto à lagoa do Ipavu, foi o mais bonito dos vários rituais a que eu assisti ao longo dos anos. As manchas de urucum nas roupas do Orlando eram as marcas dos muitos abraços que recebia dos índios.

“Nosso pai voltou” era a exclamação mais ouvida. As crianças, por sua vez, se aproximavam ansiosas por conhecê-lo. Era o reencontro com companheiros de expedições,

de jornadas de aproximação com outras tribos, de muitas aventuras, de muito convívio. Era o reencontro com a casa que construía no Posto Leonardo, cujos degraus descem até o Tuatuari, o rio de águas límpidas, testemunho de suas partidas em companhia do Cláudio em expedições e visitas a outras áreas do Parque e do Brasil Central. Fica na lembrança de muitos a figura do Orlando ao lado da Marina e dos filhos Orlando e Noel, no centro de um grande círculo formado por jovens e adultos de todas as idades, pintados e paramentados para o Kuarup, dançando e cantando em sua homenagem.

Em 2003, voltei ao Xingu para o Kuarup do Orlando, com sua família e seus amigos. Era a última homenagem dos índios do Parque para quem, por tantos anos, se dedicou à sua salvaguarda e a prepará-los para enfrentar os tempos que viriam, seus desafios e ameaças.

Tornara-se clássica a palestra anual do Orlando na aula inaugural aos calouros dos vários cursos da Unifesp/EPM. Em 2005, como nos dois anos anteriores, a aula foi em sua homenagem, lembrando seu papel relevante nos últimos sessenta anos da história dos povos indígenas do País e sua estimada presença nos últimos quarenta anos da Escola Paulista de Medicina/Universidade Federal de São Paulo.

Roberto G. Baruzzi

médico que, ao lado de Orlando Villas Bôas e com o apoio de Walter Leser, foi co-autor do convênio celebrado, em 1965, entre a Escola Paulista de Medicina (atual Universidade Federal de São Paulo) e o Parque Indígena do Xingu. O convênio marcou o início de um programa pioneiro, em nosso País, tanto na assistência à saúde como em pesquisas e ensino voltados para povos indígenas. Professor Titular aposentado do Departamento de Medicina Preventiva da Unifesp/EPM. Coordenador do Projeto Xingu 1965 — 1996. Consultor Científico do Projeto Xingu desde 1996.

* BISILLIAT, Maureen; VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS, Cláudio. *Xingu*. São Paulo: Cultura, 1979.

UTI — Janela para a Eternidade

Adolfo Lemes Gilioli

Vinte e três horas de uma noite fria e úmida do inverno paulistano. O telefone toca: “Professor, aqui é a esposa do seu ‘fratelo’ Albecir. Não queria incomodá-lo, entretanto, a insistência do Albecir não me deixou outra alternativa. Ele está desesperado. Quer vê-lo, se possível, ainda hoje. Quer que o senhor vá visitá-lo: ele está na UTI — Unidade de Terapia Intensiva — do Hospital do Servidor Público do Estado”.

— Confesso que estava acostumado com esses telefonemas da parte da esposa e do próprio amigo Dr. Albecir, pois todas as vezes que era acometido de uma crise de bronquite asmática (mas não largava o cigarro), e era levado para algum Pronto Socorro, ficava agoniado. Para ele, minha presença e minhas palavras de encorajamento valiam mais do que muitos medicamentos. Dessa vez, porém, fiquei preocupado. Era a primeira vez que ele ia para uma UTI, o que para mim significava que, dessa vez, o caso era mais grave. Sempre achei que UTI é uma espécie de antecâmara da morte.

Naquela hora da noite, quando o telefone tocou, a imagem do velho amigo me veio à mente, bem como a grandeza de sua alma e a magnanimidade de seu coração. Esse é daqueles momentos em que somos sacudidos, chamados à dura realidade e então percebemos que não podemos prescindir das doutrinas teológicas nem dos ritos impregnados de elementos místicos que nos acenam com alguns enfoques e nos habilitam a compreender as verdades espirituais, a satisfazer as nossas mais profundas aspirações e a dirimir algumas dúvidas. Jamais devemos ter medo de ir longe demais em conjecturas. A vida é um constante aprendizado e uma permanente preparação. O tempo é um pedaço da eternidade. Ninguém é capaz de prever o passo que inicia a descida. A verdade é que percebemos claramente que existe dentro de nós uma sensação de insegurança e desamparo, algo antigo e mal estruturado que nos leva ao pânico quando nos encontra-

mos sozinhos em algum lugar aterrorizador como é uma UTI, onde quase sempre a vida está por um fio.

No dia seguinte, assim que pude, corri para o hospital. Lá chegando, lancei mão das minhas amizades e, depois de algumas peripécias e expedientes extras, consegui chegar até a porta da UTI em que se encontrava o meu amigo.

— O senhor não pode entrar — foi logo me dizendo a médica que me atendeu. — O senhor não é médico e, além disso, está fora do horário de visitas.

Reconheci a verdade da assertiva da plantonista e, por entre desculpas, solicitei que informasse ao Dr. Albecir que o professor Gilioli ali havia estado para visitá-lo.

Já havia descido dois lances de escadas e, confesso, estava triste e deprimido por não ter conseguido ver o meu dileto amigo, quando ouvi atrás de mim passos apressados e vozes chamando:

— Professor, professor, o senhor tem de voltar. Ao ouvir o seu nome, o Albecir ficou muito agitado e quer vê-lo.



Voltei. E, após vestir o avental que me foi dado, fui até o leito em que estava o desesperado amigo. — Sem dúvida, o panorama de uma UTI é constrangedor e deprimente. Temos a impressão de que ali a morte está à espreita, está aguardando o desenlace de uma vida, enquanto o sofrimento vai despertando capacidades latentes na alma. As UTIs têm sido palco de cenas comoventes da vida humana. Não obstante a brevidade da existência terrena, há sempre em nossos corações uma ânsia instintiva por uma vida permanente. Não queremos morrer. Não queremos que nossos entes queridos morram. Como há de ser — indagamos — como será, ao concluir a longa lida, ao findar a peleja da paixão mortal?

Ali, diante do amigo moribundo, estava eu, sensivelmente amargurado por reconhecer que nada podia fazer, a não ser orar. A doença é cruel. Ela vai minando e apagando o fulgor das alegrias. Ao me ver, o nobre Albecir sorriu. Seus olhos cintilaram de contentamento e me estendeu a mão, esta ligada aos tubos de soro e como que implorando amparo, foi logo dizendo:

— Caro irmão, desta vez o negócio parece ser sério. Acho que agora parto para o além. Fale-me sobre a eternidade”.

Arrasado e mortificado com aquela situação, procurei reunir todas as minhas forças e convicções e, silenciosamente, pedi a Deus para que me iluminasse naquele momento difícil, fazendo com que minhas palavras fossem verdadeiramente confortadoras.

— Só Deus — comecei a falar com a voz embargada — só Deus nos dá a plena paz, descanso e alegria. Solenemente curvei minha cabeça e em silêncio supliquei a Deus: — Confirma, Senhor, a paz que este irmão tanto almeja...

O tempo passou rápido.

Em um gesto de conclusão e despedida, expliquei ao querido Albecir, cuja mão continuava segurando a minha, que nos momentos de angústia e de aflição, sempre apelava à excelência do Salmo 23. Em seguida, comecei a recitá-lo. Percebi, então, que o Albecir, com voz apagada, ia repetindo:

— “O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos. Guia-me mansamente às águas tranqüilas, refrigera minha alma. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo. A Tua vara e o Teu cajado me consolam. Unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. E habitarei na casa do Senhor por longos dias. Amém.” — Amigo Albecir, pela fé, e só pela fé avistamos um país que brilha em fulgor. Nas moradas de Jerusalém, um lugar nos prepara o Senhor.

Nesse momento, percebendo a insistência da plantonista para que encerrássemos a visita, convidei-o para repetir comigo a oração: “Senhor Grande Arquiteto do Universo, confirma em nós a certeza da ressurreição. Conforta-nos nas horas de dor. Faz-nos sentir que Cristo, embora invisível, continua presente entre nós nas horas de aflição como nos momentos de luz, e guarda-nos para a vida eterna. Amém”.

Eram 21 horas quando me retirei, com a alma esmagada e ferida. No final da noite daquele mesmo dia, alguém me telefonou:

— Professor, o Albecir acaba de partir para o Oriente Eterno. Seu semblante estampava uma comovente expressão de serenidade, própria daqueles que estão na paz de Deus.

Adolfo Lemes Gilioli

Presidente emérito da Academia Cristã de Letras

Analogias em Medicina (n.18)

Beijo — é ato ou efeito de tocar os lábios sobre qualquer parte do corpo de uma pessoa ou animal, ou sobre qualquer objeto querido, podendo incluir também movimentos de sucção, prensão etc., em geral, para demonstrar carinho e afeto. Além disso, também está presente nas similitudes médicas.

— A mononucleose infecciosa, doença benigna e autolimitada, mais comum em adolescentes e adultos jovens nos países desenvolvidos, causada pelo vírus Epstein-Barr, é, por vezes, denominada doença do beijo (ingl. *kissing disease*). Sua transmissão ocorre por meio do contato íntimo, sobretudo pela transferência de secreções da boca (saliva) de um indivíduo que está excretando o vírus, como ocorre no beijo.

— A úlcera péptica duodenal é geralmente única, porém, pode ser dupla, comprometendo as paredes anterior e posterior do duodeno, relacionando-se intimamente como se estivessem em constante beijo, daí a denominação de úlcera em beijo (ingl. *kissing ulcer*).

— A tuberculose ósteo-articular pode provocar focos de necrose óssea nas extremidades opostas de uma articulação, como nas regiões distal do fêmur e proximal da tibia, e que acabam por ficar isolados ou seqüestrados do tecido vivo adjacente, criando a imagem radiológica de seqüestro em beijo (ingl. *kissing sequestrum*).

— Na sífilis, quando o protossifiloma é múltiplo em dobras cutâneas ou em mucosas opostas, fala-se em cancro em beijo.

— Na balanite plasmocelular, acometendo a glândula e a face interna do prepúcio, diz-se também lesões em beijo (ingl. *kissing lesions*).

— O tamanho das amígdalas (tonsilas palatinas) varia com o indivíduo, porém, o tecido linfóide é normalmente mais proeminente nos jovens, alcançando o seu pico na segunda década de vida. Alguns adolescentes têm amígdalas reacionais bastante volumosas e que se tocam, denominadas *tonsilas em beijo*.

— Na fibrose cística (mucoviscidose) — doença genética mais freqüente na população branca —, ocorre alteração no transporte de sódio e cloro por meio da membrana celular de células exócrinas, especialmente do pâncreas e das glândulas sudoríparas. Estas passam a excretar sódio e cloro em excesso (concentrações acima de 60 mEq/l), tornando a pele ressecada e salgada. Isso, muitas vezes, é percebido pelas mães ao beijarem seus filhos, quando dão a pista para o diagnóstico: “Meu bebê tem um gostinho muito salgado”. Por isso, a fibrose cística é também conhecida como *doença do beijo salgado*.

Feto-arlequim — Arlequim é personagem da antiga comédia italiana, *Commedia Dell'arte* (gênero teatral surgido no final do século XV), que usava roupa feita de retalhos triangulares ou em losango, de cores variadas e que tinha a função de divertir o público; é também fantasia carnavalesca inspirada na roupa desse personagem, entre outros significados.

O *feto-arlequim* refere-se a uma forma rara e grave de ictiose — genodermatose hiperqueratótica — freqüentemente fatal nos primeiros dias de vida. Atualmente, com o progresso terapêutico, há relatos de sobrevivência. Ao nascimento, a criança apresenta, praticamente em toda a extensão da pele, placas córneas poligonais espessas, pardo-amareladas e relativamente grandes, entremeadas por fissuras profundas e avermelhadas, recordando o traje retalhado do Arlequim (ingl. *Harlequin fetus*). Ao exame microscópico, verifica-se acentuada hiperqueratose, podendo a camada córnea estar 20 a 30 vezes mais espessa que o estrato espinhoso.

O primeiro relato dessa doença foi constatado no diário do reverendo Oliver Hart, de Charleston, Carolina do Sul (EUA), em 1750 (In: *Fitzpatrick's dermatology in general medicine*. 5. ed. New York: McGraw-Hill, 1999).

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra

José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.